Trajetória para a modernidade

A suinocultura brasileira caminha para a modernização e grandes oportunidades se abrem para os agentes da cadeia da carne suína

FERNANDO ANTONIO PEREIRA

A suinocultura brasileira ocupa há várias décadas posição de destaque no cenário mundial – é o terceiro maior rebanho do mundo, com cerca de 30 milhões de cabeças, superado apenas pela China, com quase 400 milhões de cabeças e Estados Unidos, com aproximadamente 60 milhões de cabeças, segundo o Usda. Contrastando com esta posição de destaque em tamanho do rebanho, há uma produtividade média muito aquém da alcançada pelos países de suinocultura mais desenvolvida, (tabela 1).

Conjugação de fatores

Comparado com os principais países produtores, notadamente os europeus, o Brasil é reconhecido como um dos poucos do mundo com excelentes condições para liderar a produção de suínos. Isto se deve a uma conjugação de fatores relacionados ao meio ambiente e ao custo de produção, essenciais ao desenvolvimento de uma suinocultura moderna, como: vasta extensão territorial e condições climáticas que possibilitam produzir suínos sem os problemas ambientais típicos dos países de clima temperado e de pouca extensão territorial; condições para a auto-suficiência na produção de grãos usados na fabricação de rações, a baixo custo; não enfrenta restrição de disponibilidade e custo da mão-de-obra para este tipo de atividade, como ocorre nos países ricos; o custo das instalações é substancialmente mais baixo; apresenta condições muito melhores a instalação de unidades produtoras com baixo risco de contaminação por doenças que ocasionam importantes perdas econômicas à atividade; possui uma agroindústria já evoluída, com grande capacitação em processamento e comercialização de carne suína e seus derivados.

Alta eficiência

Olhando de outro prisma, vemos que o desempenho medíocre expresso pela média da suinocultura brasileira encobre outra realidade oposta a esta: o florescimento de um segmento produtivo de alta eficiência, que nada deixa a desejar em relação aos melhores níveis de eficiência alcançados no mundo. E é este segmento que vem crescendo consistentemente e de forma acelerada nos últimos anos, apesar dos inúmeros percalços enfrentados, como: a instabilidade econômica do país; a falta de financiamento ou, quando disponível, seu alto custo e pequeno prazo para amortização; consumo instável por conta das grandes oscilações do poder aquisitivo da população; enorme oscilação nos custos dos principais insumos de produção como grãos, vitaminas e minerais que dependem de importação e barreiras não-tarifárias à exportação.

Este segmento de alta eficiência alcança índices de desempenho na produção substancialmente acima da média nacional, (tabela 2). E este diferencial é uma enorme vantagem competitiva, que não se observa em outros países tradicionais produtores de suínos.

Transição

A transição por que passa a suinocultura brasileira pode ser observada nos diversos setores relacionados à cadeia da carne suína. Para aumentar a eficiência através da especialização e proporcionar maior segurança da produção quanto ao risco de contaminação por doenças, grandes unidades de produção estão sendo implantadas, separando fisicamente o setor de reprodução dos demais setores. São os chamados sistemas de produção em sítios separados ou em múltiplos sítios. Dentro dos mesmos objetivos, os novos projetos de produção integrada à indústria estão estratificando os produtores, de forma que cada um se torne um especialista na produção de leitões ou na recria e terminação dos leitões oriundos de outra unidade, diferentemente do sistema tradicional em que o mesmo produtor detinha todo o processo, desde a reprodução até os animais prontos para abate, processo chamado de ciclo completo de

produção. E mesmo no tradicional sistema de integração vigente na região Sul, as indústrias estão gradativamente reorganizando seus integrados, mediante a transformação das pequenas granjas de ciclo completo em granjas dedicadas exclusivamente à recria e terminação.

Novas unidades de produção incorporam conceitos construtivos diferenciados, que possibilitam maior facilidade de manejo, maior conforto para os animais e maior produção por unidade de área construida. Modernos equipamentos automáticos de alimentação, quer para uso de ração na forma líquida ou sólida estão sendo empregados em substituição ao tradicional processo manual. Os ganhos desta inovação são principalmente redução de desperdícios de ração, melhoria no número de animais produzidos por funcionário e melhoria no manejo de fornecimento de ração. Ainda quanto a instalações e equipamentos, sistemas de controle de ambiente, aproveitando ao máximo as condições naturais de clima estão sendo adotados para melhor atender às exigências dos animais nas diferentes fases de reprodução e crescimento.

1. População e produção de suínos em países selecionados, 1999

País	Rebanho mil cabeças*	Produção anual mil t*	Produção anual/ rebanho kg/cab.
China	397.000	36.788	93
Estados Unidos	59.800	8.716	146
Brasil	29.810	1.742	58
Alemanha	27.049	3.888	144
Espanha	22.328	2.824	126
Polônia	18.300	1.700	93
Rússia	16.000	1.485	93
França	15.550	2.350	151
Canadá	13.164	1.525	116
Holanda	13.000	1.700	131
Dinamarca	12.147	1.701	140
México	10.699	950	89
Filipinas	10.550	980	93
Ucrânia	10.000	710	71
Japão	9.860	1.283	130
Itália	8.225	1.425	173
Bélgica/Luxemburgo	7.705	1.041	135
Reino Unido	7.250	1.181	163

Fonte: Usda.

Modernos sistemas informatizados são empregados no controle da produção, com grandes ganho na eficiência do gerencial de todo o processo produtivo.

Eficientes programas de biosseguridade são implantados, objetivando minimizar os riscos de contaminação das unidades de produção por agentes que ocasionam doenças responsáveis por perdas econômicas. Estes programas se constituem, dentre outros procedimentos, da adoção de critérios rigorosos que disciplinam o fluxo de pessoas, veículos e animais; monitoramento constante da saúde dos plantéis, através de inspecções veterinárias, análises laboratoriais e utilização de programas de vacinação.

Qualidade genética

Esta suinocultura de alta tecnologia repõe seus plantéis com suínos reprodutores de valor genético equivalente aos melhores disponíveis no mercado mundial e fornecidos por empresas especializadas. A técnica de inseminação artificial é geralmente empregada para possibilitar a máxima utilização de reprodutores geneticamente superiores.

Nos últimos anos importantes ações institucionais estão sendo implementadas com o objetivo de dar sustentação à modernização da suinocultura brasileira, três das quais merecem destaque: a erradicação da peste suína clássica e da febre aftosa; ações coordenadas para aumento da exportação e o programa de promoção da carne suína.

A aftosa e a peste suína têm sido um grande entrave para as exportações da carne suína brasileira. Através de ação conjunta das indústrias, associações de produtores e entidades governamentais, um amplo programa de erradicação destas enfermidades foi implantado há alguns anos e os primeiros resultados concretos já estão sendo colhidos. Os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, oficialmente considerados livres destas enfermidades, sem vacinação, vêm ampliando consistentemente suas exportações. Vários outros estados estão em processo para conseguir este *status*.

Novos mercados

Paralelamente ao programa de erradicação da peste suína e da aftosa, há um considerável esforço da indústria, com o suporte de órgãos do governo, para atingir novos mercados importadores da carne suína brasileira. Apesar do volume total exportado (cerca de 80 milhões de toneladas em 1999) ser ainda pequeno em relação à produção nacional, os números mostram melhorias expressivas neste volume, a exemplo do primeiro

2. Indicadores de eficiência da suinocultura tecnificada, em relação à média da suinocultura industrial brasileira

Índice de eficiência	Média do mercado	Alta tecnologia	Diferença (%)
Suínos terminados/matriz/ano	<16	>24	>50
Idade para atingir 100kg de peso (dias)	>175	<145	>17
Consumo de ração por kg de suíno terminado (kg)	>300	<240	>20
Consumo total de ração na granja, por kg de suíno produzido (kg)	>380	<290	>24
% de carne magra na carcaça	<50	>55	>10
Índice de premiação na tipificação de carcaça (%)	0	>8	>8
Peso de abate (kg)	>110	<90	>22

Elaboração: Agroceres PIC.

semestre deste ano, quando exportamos 21% a mais do que no mesmo período do ano passado e com perspectivas de que esta melhoria se mantenha no segundo semestre.

Uma campanha de valorização da carne suína no mercado interno, liderada pelas associações de produtores, com adesão de diversos outros agentes da cadeia da carne suína está em curso. Isto, associado à gradativa modernização do setor, tem produzido importantes resultados positivos já detectados. Como exemplo, verificamos que mesmo com a queda do poder de compra da classe média e da classe de menor poder aquisitivo, após o aumento de renda verificado no início do plano Real, o consumo *per capita* de carne suína vem crescendo consistentemente nos últimos anos, atingindo hoje 10,7kg *per capita*, após vários anos de estagnação entre 6,5 e 7,5kg.

O Brasil tem excelentes condições para liderar a produção de suínos no mundo. Isso se deve a uma conjugação de fatores relacionados ao meio ambiente e ao custo de produção.

Há portanto sinais evidentes de que a suinocultura brasileira caminha a passos rápidos para a modernização e, neste contexto, grandes oportunidades se abrem para os produtores e demais agentes da cadeia da carne suína que operam com alto diferencial de eficiência em relação à situação predominante no país. Ao mesmo tempo, os que não se modernizarem certamente enfrentarão dificuldades para se manter competitivos.

Fernando Antonio Pereira é diretor superintendente da Agroceres PIC.

MEIO AMBIENTE

Vantagens da tropicalidade

A possibilidade de tratar biologicamente os dejetos a baixo custo pode trazer vantagem competitiva à suinocultura brasileira

CICERO BLEY

A criação de animais em regime de confinamento ao mesmo tempo em que apresenta características muito positivas do ponto de vista econômico e operacional traz outras que determinam especial atenção para que seus efeitos não se transformem em prejuízo. São casos, por exemplo, da biosseguridade, do conforto animal e do meio ambiente, temas que vêm sendo cada vez mais intensamente estudados, avaliados e discutidos na atualidade e que por exigirem conhecimento específico e se caracterizarem como custos de investimentos aparentemente não produtivos são de difícil assimilação e aplicação pelos produtores.

Questões não resolvidas

Na suinocultura as demandas ambientais que envolvem a propriedade são ainda questões não resolvidas e é assim no mundo todo.

Os produtores da região Sul da Holanda estão transportando dejetos por 200 quilômetros até regiões agrícolas não produtoras de suínos no Oeste, para poder depô-los, já que na sua região foi constatada contaminação das águas subterrâneas por nitratos e fosfatos originados deposição constante e prolongada de dejetos nos solos agrícolas. O custo disso é subsidiado pelo governo.

Na Alemanha, o monitoramento de nitrogênio e fósforo nos